

RESENHA

MARIA ANTONIETA ANTONACCI, *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2013.

Claudio Santana Pimentel¹

O livro de Maria Antonieta Antonacci, *Memórias ancoradas em corpos negros*, oferece ao leitor uma síntese de sua atividade como pesquisadora, especialmente de sua produção acadêmica na última década. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, a autora tem se dedicado à pesquisa, ensino e orientação em estudos que se propõem repensar os múltiplos caminhos trilhados pelas culturas afro-brasileiras e as relações existentes entre o Brasil e as Áfricas.

Em *Memórias ancoradas...* Antonacci adentra novas veredas teóricas, por exemplo, ao trazer a contribuição de Walter Benjamin para os estudos históricos sobre a diáspora, para compreender a relação nem sempre bem estabelecida, ou bem aceita, entre o oral e o escrito; ao reler Benjamin como referencial para a compreensão de memórias negras em diásporas, elabora um método para a leitura daquilo que está escrito não no documento-texto legitimado pela epistemologia hegemônica, mas daquilo que somente é possível ler quando se atenta para

...memórias ancoradas em experiências dos que só têm no corpo e em suas formas de comunicação heranças de seus antepassados e marcas de suas histórias. Em contínuos desterramentos, sem construídas séries documentais, vivendo e transmitindo heranças em performances, recursos linguísticos e artísticos, povos africanos pluralizam nosso alcance de acervos históricos, monumentos e patrimônios audiovisuais, situando a necessária arqueologia de saberes orais, a ser enunciada e valorizada (Antonacci, 2013, p. 17).

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, com apoio da Capes. E-mail: pimentelclaudio@live.com

O conceito de “tradição viva”, buscado a Hampâté Bâ, pensador africano, permitiu à autora perceber ao mesmo tempo a densidade e a plasticidade de culturas da oralidade; a ideia de “crioulização”, desenvolvida pelo poeta martinicano Édouard Glissant, abriu caminho para questionar as falsas facilidades do sincretismo. Por fim, questiona-se a colonialidade, a permanência da mentalidade colonial nas sociedades onde o colonialismo se extinguiu, mas o modo de pensar e agir colonial ainda continua.

Os conceitos de memória e de corpo (ou ainda de corporeidade, seu correspondente abstrato), explicitados já no título do livro, somam-se para fundamentar a argumentação apresentada nos capítulos. Questionam-se a dicotomia corpo-mente, de matriz cartesiana, e o autoritarismo da Razão iluminista; a negação do corpo em nome de um pensar pura lógica, sem existir e sem concretude, e o discurso pretensamente universal (branco, europeu, masculino) fundamentado nesse “puro” pensar, bases filosóficas e históricas da civilização ocidental, são postas em xeque em um trabalho de recuperação da memória inscrita e mantida nos corpos e por meio dos corpos.

A memória oral se focaliza nos dois primeiros capítulos, *Tradições de oralidade, escrita e iconografia em literatura de folhetos: Nordeste do Brasil, 1890/1940 e Artimanhas da história*. No primeiro, a autora coloca o problema da relação oralidade-escritura na literatura de folhetos nordestina, conhecida como “literatura de cordel”; no segundo, o mesmo problema é enfrentado, agora a partir da memória de Joaquim Mulato, octogenário quando entrevistado por Antonacci, em 1999, líder de um grupo de penitentes no Cariri, Ceará. Nos dois (con)textos, a tensão entre explicitar e ocultar está presente na análise da autora, que procura chamar a atenção do leitor para o implícito, o oculto, o consciente ou inconscientemente negligenciado pelos atores históricos ou por seus intérpretes. Dessa maneira, busca-se romper o paradigma de uma homogeneidade cultural brasileira. A cultura, ainda que “popular” é múltipla. Múltiplas vozes estão presentes, seja nos folhetos, seja nas ladainhas e orações. Múltiplas, inclusive quando silenciadas.

O resgate do corpo, ou melhor, da memória inscrita no corpo, ou ainda do próprio corpo enquanto memória, constitui o núcleo dos três capítulos seguintes: *Corpos sem fronteiras; Corpos negros desafiando verdades; Cascudo no revela/esconde de Áfricas no Brasil*. Trazer à luz a memória-corpo é um desafio que passa pelo enfrentamento de leituras homogeneizantes há muito cristalizadas. É necessário reler, e

mesmo des-ler, como a autora faz com Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Câmara Cascudo. Ao mesmo tempo em que esses autores e muitos outros, abriram os caminhos para uma leitura positiva da negritude e da afro-descendência, estabelecendo referenciais para a superação da visão colonial tendente a identificar negro-máquina, estabeleceram paradigmas interpretativos (e morais) que fazem opções, selecionam, valorizam, e, como consequência, desqualificam, ocultam, segregam, omitem o que não lhes interessa. O mesmo movimento iniciado nos primeiros capítulos é mantido; somos alertados de que, se quisermos ouvir a voz que emana do corpo, precisamos silenciar a nós mesmos e a nossos preconceitos. Passo necessário para isso é a revisão da colonialidade na interpretação da afro-brasilidade e nas relações entre Brasil e Áfricas.

O projeto de emancipação da mentalidade colonial, presente em todo o livro, alcança seus contornos mais nítidos nos capítulos finais, “*É impossível falar a homens que dançam*” e *Decolonialidade de corpos e saberes: ensaio sobre a diáspora do eurocentrado*. Em “*É impossível falar...*” Antonacci enfrenta a negação da dimensão histórica e humana ao africano. A historicidade do ser africano e do ser em diáspora se manifesta mediante códigos estranhos ao pensar ocidental, tal como a dança. Nesta, outras cosmologias, outro modo de se relacionar com a natureza, se apresenta, exigindo ser pensando – e eis a grande dificuldade – ser vivenciado a partir de si mesmo, de sua própria dinâmica, de sua lógica, de sua “magia” (sem a conotação negativa que este último termo possui em parte da intelectualidade ocidental). Os “homens que dançam” precisam ser compreendidos a partir da “tradição viva” já mencionada. Mostra dessa permanência em movimento diaspórico, a passagem onde a autora comenta pesquisas sobre calundus no Brasil do século XVIII:

Mais que sequência de práticas culturais de diferentes nações africanas no Brasil, importa reter semelhanças entre seus universos religiosos; sentidos comunitários em torno de danças, cantos, cerimônias de interação com divindades e antepassados para celebrações e curas; objetos de culto e elementos dos reinos humano, animal, vegetal e mineral. Para além de aproximações, fica a persistência com que africanos escravizados vivenciaram suas práticas culturais, recriando Áfricas em Brasis ou vivenciando

reiteradas viagens a suas terras, onde deixaram antepassados vivos e mortos (Antonacci, 2013, p. 226).

Decolonialidade de corpos e saberes, o capítulo mais estritamente teórico do livro, caracteriza-se por um diálogo criativo que convoca múltiplos caminhos de reflexão aberto por pensadores que enfrentaram a colonialidade desde espaços geográficos e intelectuais bastante distintos: os já mencionados Hampâté Bâ e Édouard Glissant, o filósofo mexicano Henrique Dussel, o sociólogo argentino Walter Mignolo, entre outros, por vezes dialogando com Aimé Césaire, Frantz Fanon, pensadores constituídos na liminariedade entre Ocidente e Áfricas em diásporas.

Reafirmar o pensar que vibra no corpo, desde o corpo, a partir do corpo. Enfrentar novas *pelejas*, nome que se dá às disputas orais dos cantadores nordestinos fixadas em folhetos, imagem recorrente no livro. Maria Antonieta Antonacci abre veredas que revelam e levam a desafios e pelejas que não podem ser negligenciados, sobretudo nas pesquisas da Ciência da Religião, que tem como tarefa urgente enfrentar sua própria colonialidade como condição para um entendimento mais adequado, mais radical, mais sensível e mais criativo do campo religioso brasileiro, principalmente, mas não só, no que se refere às práticas e simbologias influenciadas por movimentos diaspóricos entre Áfricas e Brasis.